

ABORDAGEM BIOGRÁFICA, TRAJETÓRIA E NARRATIVAS: NOTAS SOBRE UM DEBATE POSSÍVEL ENTRE PIERRE BOURDIEU E SUELY KOFES¹

Raul da Fonseca Silva Thé²

RESUMO: Este artigo tem como foco observar, pensar e propor um debate acerca da noção de trajetória. Para tanto, foram eleitos dois autores, de campos acadêmicos diferentes, para investigar como a noção se organiza e se corporifica em suas elaborações, a saber: Pierre Bourdieu e Suely Kofes. O aporte metodológico para execução desta composição é eminentemente bibliográfico, tanto em obras dos autores quanto de comentaristas. Ainda se traçam as junções e as disjunções entre eles no intuito de entender como a noção de trajetória se compõe metodologicamente para aplicar-se na pesquisa de sujeitos sociais com vistas a escopos mais amplos. Como considerações finais são pontuados alguns alicerces sobre trajetória que podem ser fundamentais para construções e pesquisas posteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia. Trajetória. Pierre Bourdieu. Suely Kofes.

BIOGRAPHICAL APPROACH, TRAJECTORY, AND NARRATIVES: NOTES ON A POSSIBLE DEBATE BETWEEN PIERRE BOURDIEU AND SUELY KOFES

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisa financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Pesquisador-associado do Laboratório de Estudos sobre Conflitualidade e Violência (COVIO/UECE). E-mail: raulsilvathe@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0317-7077>.

² A exemplo da apresentação e formulação de Gosselin e Marques (2014) sobre etnobiografia, que aprofunda a investigação sociológica por ter como intuito a reconstrução das singularidades dos percursos biográficos, destacando a dimensão diacrônica da vida social dos indivíduos.

ABSTRACT: This article focuses on observing, thinking, and proposing a debate about the trajectory notion. For that two authors were elected from different academic and national courts, to investigate how the notion organizes itself and is embodied in its elaborations, namely: Pierre Bourdieu and Suely Kofes. The methodological approach for the implementation of this composition is eminently bibliographic, both in the works of authors and commentators. Still, draw up the junctions and disjunctions between them to understand how the trajectory of a concept consists methodologically to apply in social research subjects with a view to wider scopes. As concluding remarks are punctuated, some foundation on trajectory may be critical for building and further research.

KEYWORDS: Methodology. Trajectory. Pierre Bourdieu. Suely Kofes.

ENFOQUE BIOGRÁFICO, TRAYECTORIA Y NARRATIVAS: NOTAS SOBRE UN POSIBLE DEBATE ENTRE PIERRE BOURDIEU Y SUELY KOFES

RESUMEN: Este artículo se centra en observar, pensar y proponer un debate sobre la noción de trayectoria. Para ello, se eligieron dos autores de diferentes campos académicos y nacionales para investigar cómo se organiza y se plasma la noción en sus elaboraciones, a saber: Pierre Bourdieu y Suely Kofes. La aportación metodológica para la ejecución de esta composición es eminentemente bibliográfica, tanto en trabajos de autores como de comentaristas. Se sigue rastreando las uniones y disyunciones entre ellos para comprender cómo se compone metodológicamente la noción de trayectoria para ser aplicada en la investigación de los sujetos sociales con miras a alcances más amplios. Como consideraciones finales, se señalan algunos fundamentos sobre la trayectoria que pueden ser fundamentales para posteriores construcciones e investigaciones.

PALABRAS CLAVE: Metodología. Trayectoria. Pierre Bourdieu. Suely Kofes.

INTRODUÇÃO

Com a evolução das ciências sociais e humanas em direção às questões da subjetividade e intersubjetividade, a concepção de “sujeito” voltou a ocupar um papel central nas discussões³ e nos debates. Não apenas

³ Ver os trabalhos de Montagner (2007; 2009).

como um mero ponto de partida epistemológico para a coleta de dados — como no individualismo metodológico, no interacionismo simbólico e na teoria da ação —, mas como uma peça-chave nas análises sociológicas. Nesta perspectiva, surgem diversas abordagens que ganham destaque ao colocar o sujeito social no centro do palco como objeto analítico principal.

Uma das abordagens notáveis é a abordagem teórico-metodológica da “trajetória”, quando aplicada à análise biográfica de sujeitos sociais. Com perspectivas diversas e, em alguns casos, divergentes, essas abordagens conseguem capturar a essência da trajetória por meio de conceitos como a volatilidade, fragmentação e sinuosidade das experiências e contextos em que esses sujeitos estão imersos. Conseqüentemente, a noção de trajetória expande suas dimensões em cada campo e área social em que é empregada, evoluindo a partir de cada interpretação que a adota como seu guia discursivo.

O retomar da centralidade dos sujeitos sociais e suas biografias, relaciona-se intimamente com uma contraposição à predominância de perspectivas sociológicas centradas em sistemas, sínteses teóricas e da metodologia pela metodologia. Desta divergência ocorreu e ocorre a busca por reocupar⁴, mediante algumas formulações, espaços teóricos de escopo qualitativo. Destarte, as expressões das histórias e narrativas de vida, da biografia e dos *mundos da vida* propõem-se como possibilidades microsociológicas ou mesmo de médio alcance. (MONTAGNER, 2007).

É imprescindível apontar que só é possível este reassumir qualitativo — especialmente, no que tange a noção de sujeito — e, ainda mais, por meio do princípio biográfico, porque não é um enfoque recente nas ciências sociais e humanas. Tanto na sociologia geral quanto na sócio-antropologia brasileira existem exemplos de penetração neste campo teórico-metodológico e, mesmo, como modo de exposição. Exponente deste voltar-se para o biográfico, vistos a seguir mais detalhadamente, Wright Mills (1982) advoga em *A Promessa* que a biografia ocupa um lugar fundamental na tríade necessária para pôr em processo a imaginação sociológica, por ele defendida.

⁴ Montagner (2007) apresenta mais a amíúde a forma de análise bourdieusiana e a praxiologia do autor.

No Brasil, os trabalhos etnográficos capitais de Herbert Baldus (1937) e Florestan Fernandes (2007) sobre uma história de vida singular de um indígena bororo (Tiago Marques) — em marginalidade tanto diante de seu povo quanto da sociedade ocidental que o letrou — apresentou o “desencontro entre personalidade e sociedade” e os substanciais encaamentos entre trajetórias individuais e destinos coletivos. Seguindo a mesma premissa anterior, Darcy Ribeiro (1974), em *Uirá vai ao encontro de Maíra*, relata como a história pessoal de um indígena que se relaciona intimamente com as construções sociopolítico-militares, a mitologia internalizada, o preconceito, a História e a economia; ou, melhor dizendo, apresenta como um indígena específico sintetiza em sua trajetória, os desacordos com um mundo em mudanças, projetos de “desenvolvimento” e o contato com o “mundo dos brancos”, por meio de um caminho messiânico. (ALVAREZ, 2007; MONTAGNER, 2007; 2009; SANTOS, 2002).

Os resultados das investigações citadas abriram margens para que construções posteriores se realizassem⁵. Assim, da compreensão de Wright Mills (1982) se ressaltou a imprescindibilidade do propósito da observação sociológica conjugado com a processualidade histórico-político mais ampla das estruturas sociais. Tal relação se associa — como dito anteriormente — com a priorização da busca biográfica dos sujeitos pesquisados. Nisso consiste, para o autor, a promessa da imaginação sociológica, já que essa “nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade” (MILLS, 1982, p. 12) e “capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos” (MILLS, 1982, p. 11).

⁵ Este artigo é um desdobramento de discussões desenvolvidas pelo autor em sua dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (THÉ, 2017), e novas reflexões produzidas posteriormente, inclusive no que compete aos desenvolvimentos do doutoramento. A pesquisa de mestrado recebeu financiamento da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Além disso, faço um agradecimento especial a dois generosos revisores anônimos, cujas sugestões muito ajudaram a melhorar este texto.

Já da abordagem etnológico-biográfica de Baldus (1937), Fernandes (2007) e Ribeiro (1974) permanece, nas elaborações recentes, a preocupação por compreender as significações e ressignificações que de uma elaborada relação social pode resguardar, especialmente, no sentido de observar o contato entre sujeitos sociais. Tais arcabouços persistem na produção brasileira, ao observar a incorporação às vidas, relatos e histórias dos sujeitos sociais investigados de traços mitológicos, metafóricos e de códigos de conduta (em equilíbrio ou em desequilíbrio). Os usos destes se direcionam a compreensão de processos de mudança e de como algumas biografias sintetizam estes momentos, especialmente, na lida com intervenções econômicas, políticas (pública/social) e nas identidades de grupo. (GUSSI, 2004; 2008; GUSSI, THÉ & PEREIRA, 2019; RODRIGUES, 2004).

Os produtos da observação, apontados acima, foram relevantes como inspiração e lugar de debate tanto da sociologia quanto da antropologia, e em campos nacionais acadêmicos diferentes. Tais aprendizados serviram não só como orientação inicial, mas como indicação para os percursos de formulação da noção de trajetória, como será apresentado no decorrer do artigo. Em soma a essas indicações, o conceito de experiência se apresenta como um conceito importante para compreensão mais ampla dessa noção.

Sobre este pormenor, destaco dois autores: Thompson (1991) e Bondía (2002). Enquanto para Thompson a experiência apresenta a possibilidade de ver os interstícios entre a “consciência social” e a consciência afetiva e moral à medida que realiza a junção entre estas de modo dinâmico, Bondía (2002) entende que o saber da experiência está ligado à produção de sentido e não à verdade. De acordo com estes, a experiência se elabora pela cultura e pela produção de sentidos e significados.

Esses motes fundamentais se revelaram durante a investigação aqui empregada. Tal caminho se deu no sentido de compor e sugerir a *noção de trajetória* como elemento de arcabouço lógico para a elaboração de pesquisas científicas. Para tanto, se buscou diferenças e proximidades, dessemelhanças e possibilidades, entre dois autores que, no que concerne a elaboração acerca do trato biográfico, já se tornaram indispensáveis no

regime de leituras da sociologia e antropologia brasileiras, a saber: Pierre Bourdieu e Suely Kofes. (ver CATANI, 2002).

Nesse sentido, faz-se mister citar, antes de adentrar neste cotejo elucidativo, a vanguarda do trabalho de William Isaac Thomas e Florian Znaniecki (1920), em tradução própria, em *O camponês polonês na Europa e na América*, de 1918. Visando observar um processo de adaptação de um grupo de imigrantes específicos a novos contextos sociais e culturais, os autores legaram à sociologia não só a pesquisa sobre trajetória de vida de indivíduos e de grupos, mas introduziram, também, os debates, hoje medulares, sobre estrutura social e ação individual. Além disso, promoveram a verificação das inter-relações entre mudança social e o biográfico, tão reiterado na produção da abordagem biográfica geral. (ver BORN, 2001, p. 242).

A confrontação, portanto, será conduzida no sentido de expor o que caracteriza trajetória para dois autores que se debruçaram sobre a abordagem biográfica por meio desta noção. Esses autores serão apresentados um a um, da maneira seguinte: *Pierre Bourdieu*, com seu acurado rigor crítico sobre as ilusões de uma biografia linear; e, em seguida, *Suely Kofes*, com seu itinerário de etnografia em tramas narrativas. Posteriormente, se buscará relacionar a praxiologia bourdieusiana com a trama narrativo-etnográfico kofesiana. Além disso, se buscará apresentar como a noção de trajetória cabe na elaboração teórico-empírico geral de cada um dos autores. Por último, nas considerações finais será realizada uma síntese para sugerir alguns fundamentos, estes abertos às construções empírico-analíticas.

PIERRE BOURDIEU, A PRAXIOLOGIA CONTRA AS ILUSÕES DE UMA BIOGRAFIA LINEAR

Em *A Ilusão Biográfica*, Bourdieu debate sobre a existência de vidas tais como contam as biografias: histórias de vida lineares e reconstruídas *a posteriori*. Tudo — em todos os acontecimentos falados, citados e contados em entrevista por um sujeito social, em todos os seus acertos e erros — têm conexão e nestas biografias, são expostos *cases* de sucesso e histórias pessoais “extraordinárias”, e é a isso que ele se contrapõe. Isso porque

os eventos que se desenrolam em uma vida não caminham linearmente, nem no que tange à direção, nem à coerência, muito menos às ligações coordenadas, ou seja, não são progressivos nem causais. (BOURDIEU, 1996; MONTAGNER, 2007).

Para Bourdieu, esta idealizada sequência cronológica e lógica dos fatos de uma vida é uma construção que ocorre interpretativamente, seja pelo sujeito que produz, seja pelo pesquisador que reproduz relatos orais, positivamente. Assim, as vidas não são possuidoras de um sentido teleológico e muito menos se constituem aprioristicamente como um *projeto* sartriano. (BOURDIEU, 1996; MONTAGNER, 2007).

Outra questão apontada pelo autor, para evidenciar a ilusão desta forma de perceber a biografia, está em perceber que a existência no tempo e no espaço de um sujeito constantemente não garante a permanência da significação dada aos acontecimentos. Não é capaz, também, de assegurar uma ordem e sentido únicos à vivência narrada.

Então como a elaboração bourdieusiana trata a abordagem biográfica? Para dar uma resposta a esta questão não se pode fugir da elaboração teórica geral do autor, evidentemente. Por isso, é preciso que se note que a biografia passa a ganhar importância por meio de um desenvolvimento progressivo e da inflexão em sua teoria. Já que, como pontua Montagner (2009), para Bourdieu “a ideia de biografia individual jogou um papel secundário e, em si, nunca foi um material sociológico nobre.” (p. 260), mesmo a objetivação construída de uma biografia se colocaria como uma representação de algo além, ou seja, do campo em que esta biografia está ou esteve imersa. (BOURDIEU, 2004; MONTAGNER, 2009).

A praxiologia bourdieusiana⁶ toma forma mediante a ideia de construir persistentemente uma teoria por meio de pesquisas empíricas

⁶ Considerado um arcaísmo da língua portuguesa desde o início do século XX pelo fato da palavra história conotar e poder ser empregada não somente com o sentido narrativas verídicas e científicas, mas também com o de narrativas ficcionais. Assim, o termo “estória” é aqui resgatado por sua proximidade com a diferenciação realizada na língua inglesa. Se aponta, dessa forma, para a diferenciação entre “story” e “history” no sentido de indicar os limites semânticos de cada um dos termos e marcar textualmente essa diferença de sentido entre história e “estória”. Essa última carregando o sentido de narrativas imaginadas e/ou ficcionais, que não guarda qualquer compromisso com a verdade.

parciais e direcionadas a recortes determinados do mundo social, ou aos campos. Tal forma de construção teórica denotaria, para Bourdieu, que a sociologia seria uma espécie de metaciência, podendo se aprofundar e ser aplicada em diversos âmbitos e, ao mesmo tempo, tem em vista romper com a ideia de criação de uma teoria cabal e universalizante. Nesta linha, Barreira (2002, p. 142) entende que para Bourdieu:

A construção da interpretação implicava, por sua vez, a obrigação da teoria ter que se referendar na pesquisa empírica. [...]. Uma teoria crítica da ação evitaria tanto a percepção de que ela é produzida pela inteira vontade dos agentes, como a visão de que ela seria efeito direto da estrutura social. A prática dos agentes sociais ocorreria, exatamente, nesse ir-e-vir de escolhas, efetivadas dentro de um campo delimitado de possibilidades e chances desiguais de alcance de objetivos. Discursos e práticas sociais, por conseguinte, teriam diferenças de reconhecimento, tendo em vista a posição dos agentes portadores de formas diferenciadas de capital social.

Juntamente a isso, a praxiologia de Bourdieu se aproxima da *promessa* de Mills, ao abordar o trabalho empírico profundo, pensando tanto o contexto amplo quanto a vida cotidiana pesquisada. É dessa forma que o conceito bourdieusiano de *habitus* — na sequência da proposta da imaginação sociológica — toma contornos de mediação entre o sujeito e os campos sociais, em que sua objetivação apresenta resultados estáveis, mas não imutáveis ou se comportam, como indica o autor, como uma *estrutura estruturante*. (BOURDIEU, 2011; MONTAGNER, 2007; 2009; ORTIZ, 1983).

Como dito anteriormente, o rigor praxiológico de Bourdieu em termos de pesquisa e constituição de uma teoria estaria em pensar as dimensões das ações dos sujeitos e das estruturas sociais entrelaçadas e propondo-se a pôr em prática uma das pretensões teóricas bourdieusianas, a qual é a superação da divisão entre agente social e sociedade. Para tanto, a reiteração da estada em campo daria, ao pesquisador, as possibilidades

de encarar como o social se corporifica e se interioriza nas minúcias do cotidiano e nos procedimentos individuais e como se consolida em modos, práticas, códigos e relações entre agentes sociais diversos, ou seja, para ele, o mundo objetivo se constitui por uma rede de intersubjetividades. (BARREIRA, 2002; MONTAGNER, 2009; ORTIZ, 2013; 1983).

Neste sentido, a noção de trajetória em Bourdieu se apresenta como relevante no contexto da elaboração dele, já que pode ser vista como meio-termo entre dois conceitos-chave da visão bourdieusiana, sejam esses: o de Campo e o de *Habitus*. Dessa forma, pontua tanto as distinções provindas da origem social e da socialização familiar ou de grupo e das constituições biológicas (como as inscritas nos corpos) quanto as experiências históricas compartilhadas entre os agentes como demarcadores de traços sutis. Estas linhas imperceptíveis quando unidas com outras tantas linhas, provindas de grupos sociais e de interações, estabelecem trajetórias genéricas, partilhadas ou coletivas, ou, como sintetiza Montagner (2007), instalam “feixes de percursos muito semelhantes, ao final, uma *trajetória*.” (p. 253). (BOURDIEU, 2004).

Assim, a trajetória se constituiria de uma composição de traços e linhas concernentes a uma biografia particular ou de um grupo delas. Sua apresentação objetiva deslindaria um conjunto de relações, gerais e específicas, entre os agentes e as forças que compõem e se fazem presentes em um campo. Nesse sentido, Bourdieu a compreende como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (BOURDIEU, 1996, p. 81). Ou seja, seguir as marcas de uma trajetória relaciona-se intimamente com a apreensão do desenvolvimento histórico-social de grupos e do conjunto de lutas e disputas realizadas por estes grupos para a delimitação das fronteiras e do reconhecimento público interno ao campo, que demarcam o espaço social a que estão introduzidos ou, posto de outro modo, a pesquisa com a perspectiva da noção de trajetória em Bourdieu se interessa sociologicamente pelo deslocamento do agente pelo espaço social. (MONTAGNER, 2007; KOFES, 2004).

A trajetória, portanto, encarnaria, ao mesmo tempo, os momentos objetivista e subjetivista de constituição do saber sociológico em

Bourdieu e, como propõe o próprio autor, estes momentos são postos constantemente em dialética. Fugindo, ainda, concomitantemente, da sociologia espontânea e das pré-noções tanto cotidianas quanto acadêmicas acerca da composição da vida por meio da exposição de uma cadeia de inter-relações de forças, posições e agentes. (BOURDIEU, 2004; ORTIZ, 1983).

SUELY KOFES E A ETNOGRAFIA EM TRAMAS NARRATIVAS

O fazer etnográfico, ou seja, o acurado trabalho empírico de Kofes é o ponto central da realização socioantropológica da autora. Não só o método de investigação — o que mais a frente esse trabalho se dedicará a referenciar —, mas, também, lhe é característico como expõe tanto o seu fazer de campo quanto os sujeitos sociais que investiga. A narrativa kofesiana do itinerário da pesquisa reflexiona o interesse da mesma pelas diversas narrativas para a construção das trajetórias de um ou de vários sujeitos sociais pesquisados.

Nesse sentido, nos trabalhos de Suely Kofes a narrativa é ponto de partida e de chegada da realização científica do fazer sociológico. A influência do aprendizado insurgido com a abordagem etnológico-biográfica brasileira soma-se às teorias sobre as narrativas vindas da elaboração de Paul Ricœur (2004; 2008; 2009), especialmente, ao que concerne a ideia de trama narrativa, e ao sentido benjaminiano (BENJAMIN, 1987) das virtudes do sujeito social que narra. A narrativa se constituiu, assim, como um manejo de pesquisa para que se resguardasse na intuição biográfica um procedimento etnográfico.

O seu procedimento investigativo, portanto, apresenta-se como um trabalho focado na defluência da transformação dos saberes, dos fazeres, do tempo e do espectro da história. Ao mesmo tempo, o andamento da pesquisa se dá mirando a interconexão de temporalidades e de lugares. Este recurso toma um decurso e um transcurso de narrativas enquanto as conecta com um agora e um aqui.

Essa abordagem metodológica pontua o papel que o aporte biográfico tem para a autora. Isso porque as narrativas são entendidas,

na abordagem dela, como experiências sociais interpretadas por sujeitos singulares, mas que não podem ser vistas nem como biografia e nem como “trajetória excepcional” ou arquetípica. Não se pode esquecer, ainda, que Kofes atenta para as distinções entre o que seria uma biografia e uma autobiografia, e o que denotaria ser uma *história de vida* e em que medida poderia ser, ou realmente é, uma “*estória*” *de vida*. (SANTOS, 2002; KOFES, 1994; 2001; 2007).

Assim, a atitude mesma da elaboração kofesiana está em tramar, tecer, entretecer uma etnografia por meio de relatos, contos, silêncios, ausências, percursos e trilhas narrativos. Ou seja, tem em vista realizar uma “reconstrução de um processo sociocultural de uma experiência particular” (KOFES, 1994, p. 117). Para esta (re)construção, as dimensões contempladas estão centradas nas dinâmicas não discursivas da entrevista e as possibilidades analíticas gerais de todo o processo. Mas o fulcral dessa reconstrução se encontra no que foi narrado, ou seja, de como a narrativa se deu, sobre o que o sujeito entrevistado falou e como esta sentença foi construída.

Mesmo assim, o que interessa a este trabalho é o tratamento dado por Kofes à construção biográfica, de trajeto. Aqui a autora resguarda a noção de trajetória, entretanto se distancia da formulação bourdieusiana na já notória crítica do autor à biografia citada no tópico anterior. Esse procedimento se relaciona na busca das singularidades das narrativas e experiências para se denotar as “experiências compartilhadas, diferenciada e diferenciadora” (KOFES, 1994, p. 130), ou seja, tomando o que há de comum e o que entre si tem de diferentes nas experimentações dos sujeitos sociais. Sendo, esse, um grande desafio constituinte da busca pelo biográfico, no sentido de compreender e explicar o comum, o público, o coparticipado e o dividido se relacionando e se contrapondo e com o que é idiossincrático, diverso, particular e desigual. Esse estímulo se indigitando as pontuações-chave de junção e disjunção. (KOFES, 1994, p. 139; 2004).

Não é à toa que, além de compreender a história (cotidiana e de vida), Suely Kofes destaca as narrativas (também cotidianas e de vida)

⁷ Ver Montagner (2007).

ficcionais ou das “estórias” de vida. Isso porque estas “sintetizariam a singularidade do sujeito — suas interpretações e interesses —, a interação entre o pesquisador e o entrevistado, e também uma referência objetiva, que transcende sujeito e informa sobre o social” (KOFES, 1994, p. 120). É nesta transcendência que se estabelecem as três considerações de como observar estas narrativas, a saber: primeiramente, como “fontes de informação”, com as quais se podem compreender as experiências que ultrapassam o sujeito que fala e informa sobre o contexto social; como “evocação” do sujeito, com a qual se transmite a dimensão subjetiva, intersubjetiva e interpretativa; e, como “reflexão”, resultante da relação entre o pesquisador e o entrevistado e denota aberturas de análise sobre experiência vivida (e vivível).

É neste viés que constrói as trajetórias inter cruzando narrativas, histórias e “estórias” de vida, e a História. Soma-se a este enlace de perspectivas a delimitação do fluxo de lembranças, as comparações entre os tempos livres e de responsabilidade, entre o antes e o depois e entre as situações anteriores e atuais, além das redes de amigos e as movimentações espaciais ou os cursos físicos. Santos (2002), ao lê-la, compreende que a perspectiva aludida da autora está vinculada com o objeto da antropologia que é a cultura e o agir humano, em uma história. Tal leitura se dá, já que, no sentido ontológico e epistemológico, qualquer sociedade é história, e a compreensão da antropologia como história constitui-se como consciência de dispositivos.

As ações, os planos, os instrumentos e os mecanismos dos sujeitos são também e fundamentalmente considerados, juntamente, com os próprios sujeitos sociais em suas ações e interações. Tais apreciações apontam que a posição do sujeito — no centro da análise — tem um sentido processual e de atuação, de fluxo e influxo nos quais os sujeitos sociais “não apenas se comportam mas [...] sentem, refletem sobre, negociam, *mantém e modificam o quadro estável* das categorias.” (KOFES, 1994, p. 134, *grifo meu*).

Portanto, mesmo que o método de investigação foque somente um entrevistado ou, como queiram, um biografado, o falar e narrar deste sobre sua vida e no sentido de sua idiosincrasia não deixam, por isso, de se conectarem com contextos mais amplos de processos sociais

e culturais que tangem suas interações, aprendizados e ações. É nesse sentido que a elaboração kofesiana entende que a busca pelas histórias de vida permanece sendo ferramenta substancial para o entendimento, interpretação e análise de relações, contatos e interações sociais. Além de dar a observar a amálgama entre objetividade e subjetividade, entre atores individuais e experiências sociais compartilhadas e entre os processos culturais e os jogos de escolha e interação. (KOFES, 1994).

A PRÁXIS HUMANA E AS TRAMAS DO NARRAR: POR UM DEBATE POSSÍVEL

Apontadas as características das elaborações teórico-metodológicas de Kofes e Bourdieu acerca da narratividade das trajetórias pessoais, se faz possível, então, a identificação de proximidades em suas reflexões. Reflexões essas que avançam no sentido de representarem, no escopo empírico, contornos significativos à noção de trajetória. Os limites e fronteiras entre eles podem ser observados a partir do modo de fazer, de construir e de analítica e sociologicamente reconstruir as trajetórias coletadas. De outro modo, ficam abertas as possibilidades de diálogo entre ambos os autores e com outros, mas que no sentido deste trabalho se sintetizam neles.

Assim, tanto Suely Kofes quanto Pierre Bourdieu apontam que pensar a narrativa biográfica perpassa pela manutenção reiterada de um trabalho empírico que reflita o cenário (e sobre este) e os contextos em que essas vidas e essas biografias se elaboram. Do mesmo modo, os autores se aproximam ao buscarem compreender no contexto da narrativa o que se apresenta como comum e o que conota diferenciação. A ambas as perspectivas importa tanto as experiências que distinguem quanto as experiências que se elaboram coletivamente. E o aporte biográfico é entendido, pelas duas formas de pensá-lo, fundamentalmente como denotador de dispositivos e disposições.

Entretanto, alguns pontos parecem revelar fronteiras entre os pensamentos. A perspectiva bourdieusiana entende que o conhecimento do vivido tem grande valor para perscrutar o empírico e conhecer o

campo, mas não necessariamente relaciona-se com o real ou com o social mais amplo. Assim, como destaca a ilusão da linearidade da apresentação biográfica, lembra que o real não é transparente ou que muitas vezes “o visível, o que é dado imediatamente, esconde o invisível que o determina” (BOURDIEU, 2004, p. 153–154), apontando a primazia das relações sociais tanto para elaboração sociológica como para conformação de uma ou de várias trajetórias. Já na abordagem kofesiana a captura de diversas narrativas não tem pretensões de realidade, mas o contrário tem pretensões de informar, evocar e refletir, para apresentar as várias dimensões do sujeito expressas nas falas desse, tanto as vividas quanto as vivíveis. De modo a fugir das abordagens teleológica e epistemológica de fidelidade em relação às vidas, ou seja: 1) que não existe sentido no sentido da vida e 2) que não necessariamente o relato será fiel ao quadro que se apresenta, mas que, em ambos os casos, funciona como fonte imprescindível de apreensão de significados e de percepções refletidas. Para Kofes, o ato de narrar a biografia ficcionalmente não tem nada de mais, por destacar que se elabora como a presentificação das interpretações sobre as experiências em uma memória possível.

Outro ponto de fronteira mínimo, que abre ângulos de visão, é sobre a *transformação* destacada por Kofes. Para ela a transformação se compõe por uma mudança de tempo e de espaço, sendo pelas narrativas, colhidas e recolhidas no trabalho empírico, tornadas presentes e locais; significando que seus processos são contrapostos e avaliados com o aqui e o agora. Já em Bourdieu, a mudança é inerente ao captar do biográfico, já que é a partir das mudanças constantes de direção, das *marches et démarches* e conforme as transições feitas pelos agentes sociais mediante as suas próprias escolhas que se pode estudar esses mesmos agentes em processo e no transcurso do desenvolvimento de suas vidas e de suas histórias.

Algumas das possibilidades do contato entre a abordagem de tramas narrativas e uma teoria da ação é pensar o objetivo e o subjetivo, o material e o simbólico como composições interessantes para compreensões mais profundas. De outra maneira, o particular e o coletivo, o individual e o societal são instâncias que apontam e garantem maiores compreensões umas sobre as outras. Da mesma forma, entender o enlace proposto por

Bourdieu e o tecer que sugere Kofes como um ponto de observação mais bem localizado para ver os componentes objetivos na subjetividade (ou *a objetividade das práticas subjetivas*) e o contrário e, ainda mais, para revelar as possibilidades desse meio-termo (*a mediação*), que é próprio da trajetória, da intersubjetividade. (ORTIZ, 1983).

Outra faceta desse debate reside na indicação de direções significativas para a pesquisa. Nos últimos anos, tenho, em colaboração com colegas e parceiros de pesquisa (GUSSI, 2008; GUSSI, THÉ & PEREIRA, 2019; THÉ & SANTOS, 2019), desenvolvido a abordagem narrativo-biográfico, no traço da noção de trajetória articulando os autores aqui discutidos. E esta metodologia tem proporcionado uma abordagem abrangente e eficaz para a análise e avaliação de políticas públicas. Dessa maneira, ela emerge como um exemplo paradigmático de indicações para a pesquisa, até mesmo para a avaliação qualitativa de políticas públicas. Se baseando nos princípios fundamentais da pesquisa qualitativa, que enfatizam a compreensão profunda dos contextos e das experiências das pessoas afetadas por políticas públicas específicas e enfatizando a participação ativa das partes interessadas em todas as fases do processo. Desse modo, a aplicação do enlace entre o olhar de Bourdieu e Kofes propicia observar que esse processo ocorre por meio de um diálogo entre os sujeitos e as políticas, considerando tanto as pessoas quanto as próprias políticas como agentes e espaços em constante evolução, desempenhando diversas posições ao longo de sua trajetória. É importante ressaltar que os indivíduos envolvidos detêm a capacidade de agir e influenciar, podendo alterar a maneira como a política é implementada e posta em prática. Enquanto isso, a política se integra nos comportamentos, nas expressões verbais, na linguagem e nas formas de agir e pensar, gradualmente se tornando parte intrínseca e desempenhando um papel central nos processos culturais.

Assim, no que tange este diálogo, as proximidades entre as formulações sobre trajetórias se apresentam como mais amplas que, de outro modo, os seus limites. Uma das grandes possibilidades abertas é justamente a ampliação das abordagens tanto bourdieusiana quanto kofesiana e que noção de trajetória possa ser expandida e possa ser usada para explorar campos de pesquisa novos tendo nos dois autores balizas interessantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de trajetória exposta neste artigo teve como fundamento buscar pontos de contato entre dois autores diferenciados em termos de países, influências e abordagens. Essas apontaram para a profunda concatenação entre esta noção e o rigor metodológico, já que deve considerar as subjetividades existentes nos relatos ao tempo que apresenta as circunstâncias do espaço social.

Para tanto, ao falar da aplicação da noção de trajetória não cabe apontar ou manualizar certo conjunto de técnicas particulares de observação, de recolhimento de dados, ou de certos princípios de codificação das narrativas, dos relatos e das histórias (e “estórias”) e de realização da compreensão e da análise do material. Antes deve-se encarar a noção como uma abertura para a constituição de uma plataforma estratégica de elaboração de instrumentos metodológicos. Isso porque a noção de trajetória não objetiva a descrição de um personagem, mas usa a coleta de experiências e de relatos pessoais-biográficos como pretexto e abertura privilegiada para ultrapassar a idiosincrasia e compreender em que contexto social os sujeitos se inserem, assim como as representações que tais sujeitos elaboram e carregam consigo mediante a análise de suas evocações. Além de facilitar a realização de reconstrução de processos e de um diálogo entre usos de linguagem, temporalidades e espacialidades.

Desta maneira, a síntese possível deste diálogo está em, ao mesmo tempo, não interpretar as histórias de vida dos sujeitos como um conjunto coerente e orientado, que se desenrola seguindo uma ordem lógica, mas sim como algo que se desloca ocupando diferentes pontos do espaço social e não está vinculada apenas a um sujeito, mas a sujeitos sociais. Sob outro prisma, considerar também a noção de trajetória de Kofes, que a entende como “o processo de configuração de uma experiência social singular” (2001, p. 27). Ocorrendo, assim, uma valorização tanto das experiências vividas, quanto as vivíveis, em um olhar coletivo.

Nesse sentido, é possível considerar tanto as diversas posições ocupadas pelos indivíduos no ambiente social quanto as interpretações que eles atribuem a essas posições. Eles, assim, moldam suas trajetórias

a partir das formas como se percebem a si e ao mundo ao seu redor (GUSSI, 2004). As narrativas pessoais de cada indivíduo ajudam a iluminar o contexto social por meio de seus processos, vivências e experiências, de maneira semelhante à perspectiva de Howard Becker (1994, p. 109). Uma vez que o autor enfatiza que a história de vida é uma ferramenta poderosa para compreender os processos sociais, ultrapassando inclusive a noção frequentemente explorada de observação participante.

Assim, se destaca, concomitantemente, a construção e a transformação, em uma experimentação histórica do sujeito singular: em pensamentos, sentimentos, crenças, temores, visões e falas durante sua vida. A noção de trajetória, portanto, realiza um diálogo, pelas narrativas, entre a História, a história e a “estória”, e é neste entendimento que ela se propõe na observação de dispositivos e de disposições e a aludir as práticas e as tramas humanas.

Se a trajetória é um conjunto de traços que objetiva e subjetivamente constituem, construtivamente, o escopo de uma vida, o modo como dispomos os pincéis para realizar este tracejado se torna importante. Da mesma forma, compreender a noção de trajetória é como lançar mão a alicerces para a constituição de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Marcos César. Florestan Fernandes e Tiago Marques Aipobureu: biografia e sociedade. *Tempo Social*—Revista de Sociologia da USP, São Paulo, n. 19, v. 2, p. 289–292, 2007.
- BALDUS, Herbert. O Professor Tiago Marques e o Caçador Aipobureu. In: BALDUS, Herbert, *Ensaio de Etnologia Brasileira*. Brasília, Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5ª, v. 101. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife: Companhia Editora Nacional, p. 163–186, 1937. Disponível em: <http://goo.gl/BxiGsq>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. O legado de Bourdieu na construção de uma sociologia crítica (1930 – 2002). *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, n. 33, v. 2, p. 141–144, 2002.

- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 1). (p. 197 – 221).
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, 2002.
- BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. *Sociologias*, n. 5, p. 240–265, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2002. (p. 149–168).
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Sociologia).
- CATANI, Afrânio Mendes. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). *Educação & Sociedade*, n. 23, v. 78, p. 57–75, 2002.
- FERNANDES, Florestan. Tiago Marques Aipobureu: um bororo marginal. *Tempo Social — Revista de Sociologia da USP*, n. 19, v. 2, p. 293 – 323, 2007.
- GOSSELIN, Anne-Sophie; MARQUES, Kadma. Etnobiografia, uma etnografia narrativa. In: ALVES, Giovanni; SANTOS, João Bosco Feitosa dos (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa sobre o Mundo do Trabalho*. Bauru: Canal 6, 2014. p. 145–159. (Projeto Editorial Praxis).

- GUSSI, Alcides Fernando. *Pedagogia da Experiência no Mundo do Trabalho: Narrativas biográficas no contexto de mudanças de um Banco Público Estadual*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas — Unicamp, Campinas, 2004.
- GUSSI, Alcides Fernando. Apontamentos teóricos e metodológicos para a avaliação de programas de microcrédito. *AVZAL* — Revista Avaliação de Políticas Públicas, n. 1, v. 1, p. 29–37, 2008.
- GUSSI, Alcides Fernando; THÉ, Raul da Fonseca Silva; PEREIRA, Janainna Edwiges de Oliveira. Experiências Metodológicas de Avaliação: usos da noção de trajetória em políticas públicas. *Sinais*, n. 23, v. 1, p. 2-15, 2019.
- KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. *Pagu*, n. 3, p.117 – 141, 1994.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercados de letras, 2001.
- KOFES, Suely. “Os papéis de Aspern”: anotações para um debate. In: KOFES, Suely (org.). *Histórias de vida, biografias e trajetórias*. Campinas: UNICAMP, 2004. (Cadernos do IFCH; 31). (p. 5 - 16).
- KOFES, Suely. Objetos: trajetória social, política e sentidos. *Campos* — Revista de Antropologia social, v. 8, n. 2, p. 27–40, 2007.
- MILLS, Charles W. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, n. 17, p. 240–264, 2007.
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. 2009. Biografia coletiva, engajamento e memória: A miséria do mundo. *Tempo Social* — Revista de Sociologia da USP, n. 21, v. 2, p. 259–282, 2009.
- ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In: BOURDIEU, Pierre; ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. (Grandes Cientistas Sociais, 39).

- ORTIZ, Renato. Notas sobre a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. *Sociologia & Antropologia*, n. 3, v. 5, p. 81–90, 2013.
- RIBEIRO, Darcy. *Uirá sai à procura de Deus*: Ensaios de etnologia e indigenismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- RICOEUR, Paul. *Tiempo y Narración I*: configuración del tiempo en el relato histórico. 5ª. ed. Ciudad de México: Siglo Veintiuno, 2004.
- RICOEUR, Paul. *Tiempo y Narración II*: configuración del tiempo en el relato de ficción. 5ª. ed. Ciudad de México: Siglo Veintiuno, 2008.
- RICOEUR, Paul. *Tiempo y Narración III*: el tiempo narrado. Ciudad de Mexico: Siglo Veintiuno, 2009.
- RODRIGUES, Lea Carvalho. *Metáforas do Brasil*: demissões voluntárias, crise e rupturas no Banco do Brasil. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.
- SANTOS, Bernadette Grossi dos. Narrativas: uma trama etnográfica mais sensível. *Estudos Feministas*, n. 10, v. 1, p. 241–243, 2002.
- THÉ, Raul da Fonseca Silva. *Dádiva, dívida, dívida*: sentidos e significados sobre uma política de microcrédito. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.
- THÉ, Raul da Fonseca Silva; SANTOS, João Bosco Feitosa dos. A abordagem narrativa como recurso avaliativo de políticas públicas. *Sociologias Plurais*, v. 5, n. 1, p. 221-244, 2019.
- THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. *The Polish Peasant in Europe and America*: monograph of an immigrant group: v. I Primary-Group Organization. Boston: The Gorham Press, 1920.

Texto recebido em 28/02/2023 e aprovado em 03/08/2023